

## *Memória das Estrelas sem Brilho\**

José Leon MACHADO (2012, 2.ª ed. revista), *Memória das Estrelas sem Brilho*. Braga: Edições Vercial. [1.ª ed.: 2008].



S'il est vrai que, selon Héraclite, le combat est le père de toute chose, le XXe siècle a été fondamentalement héraclitéen car la guerre s'est imposée comme horizon fatal de la pensée. [...] la guerre est le but [...] elle est la forme moderne de la tragédie.

(Jean-Paul Dollé, *Magazine Littéraire*)

### **Introdução**

No dia 28 de Junho de 1914, Gavrilo Princip, um estudante Bósnio, assassina, em Sarajevo, o Arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do poderoso Império Austro-Húngaro. A dança diplomática entre a Áustria-Hungria, a Alemanha, a Rússia, a França e o Reino Unido que este acontecimento espoletou, desemboca numa declaração de guerra, a 28 de Julho de 1914.

Inicia-se, assim, a chamada Grande Guerra, um conflito que vai envolver sessenta milhões de soldados europeus, dos quais oito milhões serão mortos, sete milhões ficarão incapacitados de maneira permanente e quinze milhões gravemente feridos.

---

\* O texto que aqui se propõe resulta da apresentação do romance de Leon Machado, *Memória das Estrelas sem Brilho*, no âmbito do colóquio internacional «Na periferia da Grande Guerra», realizado no âmbito do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da Universidade de Aveiro, nesta mesma universidade, nos dias 1 e 2 de Outubro de 2015.

Do caos e da devastação há-de surgir uma nova Europa, quer a nível das mentalidades, quer a nível da geografia política: os grandes impérios hão-de implodir e novas nações de menor dimensão hão-de nascer. Com efeito, apesar de não dispor ainda de armas de destruição em massa como acontecerá em 1939-1945, a Grande Guerra será um momento disruptor por excelência, porquanto rompe, definitivamente, com uma certa imagem do mundo. Os povos atingidos permaneceram, por longos anos, ou para sempre, física e emocionalmente dilacerados.

Os cem anos que passam sobre a eclosão da Primeira Guerra Mundial criam, hoje, um espaço e um tempo favoráveis a reflexões, quer acerca dos factores que a provocaram, quer sobre as implicações das suas consequências geopolíticas e civilizacionais, tão caras a Freud quando denuncia a fractura irreparável do processo civilizador que o conflito originou. Para Freud, a Grande Guerra foi, essencialmente, a vivência do abismo de uma forte desilusão, sensação que decorre da perda de sentido desse processo civilizador, na Europa e no mundo. A História do resto do século XX havia de lhe dar razão!

A Grande Guerra aniquilou milhões de vidas e, entre elas, uma geração inteira de escritores. Uma *Antologia dos Escritores Mortos na Guerra* referenciou 525 nomes. Charles Péguy morreu logo no início, em 1914. Alguns tinham acabado de publicar as suas primeiras – e únicas – obras. Foi o caso de Alain Fournier, cujo único romance – *Le Grand Meaulnes* – se iria de tornar uma obra de culto. O grande poeta Apollinaire, gravemente ferido, acabará por sucumbir à pneumónica de 1918.

Em contrapartida, este primeiro conflito mundial suscitará uma literatura que mais não será que o prólogo de uma literatura de guerra que começa com Roger Martin du Gard e se estende até aos romancistas da actualidade. Escrever Verdun, o Chemin des Dames, a Marne, La Lys era um absoluto dever de memória!

Salvo raras excepções, como Romain Rolland, que, a partir da Suíça, clamava que esta guerra representava o suicídio da Europa e que ele escolhera manter-se «au-dessus de la mêlée», isto é, acima da confusão, a grande maioria dos outros escritores denunciou as atrocidades da guerra.

Os testemunhos literários sobre a Grande Guerra traduziram-se, de imediato, em grandes obras da literatura mundial: *Adeus às Armas*, de Ernest Hemingway, *Tempestades de Aço*, de Ernst Jünger, *Dr. Jivago*, de Boris Pasternak, *A Oeste Nada de Novo*, de Erich Maria Remarque, entre tantos outros.

Em Portugal, são várias as obras que assinalam este tema, algumas escritas por autores que foram, eles próprios, combatentes – Américo Olavo, André

Brun, António de Cértima, Augusto Casimiro, Carlos Selvagem, Jaime Cortesão, Pina de Moraes etc. –, mas também as de Afonso Lopes Vieira, António Botto, António Sardinha, João de Barros, João Grave, Tomás da Fonseca, Visconde de Vila Moura, nomes incontornáveis da literatura portuguesa, que celebraram os feitos dos portugueses durante o conflito.

Mais perto de nós, José Leon Machado, com *Memória das Estrelas sem Brilho* (2008), Sérgio Luís de Carvalho, com *O Destino do Capitão Blanc* (2009), Ana Cristina Silva, com *A Segunda Morte de Anna Karenina* (2013), surgem como valiosos contributos contemporâneos para a reactivação da memória de um conflito que marcou indelevelmente uma página da História de Portugal. É que, contrariamente à Segunda Guerra Mundial, a Grande Guerra teve, na história contemporânea portuguesa, um significado da maior importância, com reflexos que excedem largamente o campo meramente militar e se inscrevem profundamente na própria sociedade civil, da evolução económica aos movimentos sociais, da recomposição das ideologias ao próprio destino político do regime democrático. A Grande Guerra ocupa, sem sombra de dúvida, na nossa memória nacional, um lugar de relevo. Memória perpetuada, até aos dias de hoje, através de um discurso oficial que incide essencialmente sobre a mítica batalha de La Lys, reactualizando uma genealogia heróica.

Com efeito, Portugal, que de início mantivera uma atitude neutral, participará, também ele, na Guerra, a partir de 9 de Março de 1916, marcando presença através do Corpo de Artilharia Pesada Independente e do Corpo Expedicionário Português. As primeiras tropas portuguesas partem em Fevereiro de 1917 e desembarcam em Brest. As restantes incorporações irão chegando à Flandres, pouco a pouco, até Novembro de 1917. Militarmente, a infantaria portuguesa depende do exército britânico e toma conta de um pequeno segmento de uma dúzia de quilómetros do vale de la Lys. O Corpo Expedicionário Português participou em vários combates mas a sua intervenção ficou essencialmente marcada pela batalha de La Lys, travada a 9 de Abril de 1918. As tropas portuguesas foram dizimadas pelo exército alemão e inúmeros dos seus efectivos foram feitos prisioneiros. Estima-se que, desde a entrada de Portugal na guerra até ao Armistício de 11 de Novembro de 1918, Portugal terá enviado cerca de oitenta mil homens para a Flandres. É desses homens, verdadeiras «estrelas sem brilho», que a vida maltratou e a História ignorou, que nos fala o romance de José Leon Machado.

## A Grande Guerra em *Memória das Estrelas sem Brilho*

*Memória das Estrelas sem Brilho* é a primeira obra de uma trilogia que Leon Machado dedica às três grandes guerras em que Portugal, directa ou indirectamente, se viu envolvido: a Primeira Guerra Mundial, em *Memória das Estrelas sem Brilho* (2008), a Segunda Guerra Mundial, em *A Vendedora de Cupidos* (2013), e as Guerras Coloniais (com especial enfoque em Moçambique), em *Heróis do Capim* (2014).

O rigor histórico e uma a acutilante análise social são a base destas três narrativas. Como o próprio escritor explica:

O meu interesse não passa propriamente pelo tema da guerra, mas pela História do século em que nasci. Não vivi na época dos dois primeiros romances da trilogia, e era muito novo quando se deu a Guerra Colonial, mas cresci a ouvir falar das guerras, desde a experiência do meu bisavô na I Guerra Mundial à fome e miséria que havia em Portugal durante a II<sup>a</sup>. Mais tarde, o meu pai foi recrutado para combater em Moçambique. No fundo, interesse-me pela História para conhecer as minhas origens e as da sociedade em que me insiro. (*Apud* Freitas, 2010).

Obedecendo a uma estrutura cronológica fidedigna e utilizando informação histórica precisa e rigorosa que corresponde à realidade de um passado colectivo/nacional, *Memória das Estrelas sem Brilho*, romance composto por 34 capítulos, um Epílogo (Machado, 2012: 437) e uma inesperada e surpreendente Nota do Editor (*ibid.*: 443) apresenta-se-nos como um «considerável valor para o património e cultura portuguesas e um complemento importante para o conhecimento das nossas raízes» (Pereira, 2010).

O livro conta a história de Luís Vasques, estudante de Direito em Coimbra, que, em Abril de 1917, é destacado para as trincheiras da Flandres. Assumindo o papel de protagonista-narrador, Luís Vasques inicia a narração das suas memórias, simbolicamente, em 11 de Novembro de 1938 (indicação dada pelo narrador, tardiamente, no Epílogo [Machado, 2012: 441]) e, através de um astuto pacto narrativo, cobre um vasto arco temporal, incidindo particularmente nos quase dois anos passados na guerra (1917 e 1918) e nas duas décadas que se seguiram ao conflito.

Dado que a escrita memorialística possui a função mágica de se erguer contra o esquecimento, é essa mesma escrita que o narrador-protagonista, homem esclarecido e preocupado com o dever de memória, elege para falar de um dos momentos mais sangrentos e avassaladores do século XX e, afinal de contas, da história da humanidade.

O título do romance é poético e prenhe de sentido. Narrando em primeira pessoa, as suas memórias de guerra, Luís Vaques considera ser seu dever dar voz às «estrelas sem brilho», isto é, aos inúmeros militares Portugueses que, apesar de não terem um lugar na História, permanecendo anónimos, sem o devido reconhecimento, se viram forçados a adiar as suas vidas, os seus sonhos e a enfrentar os horrores da guerra em nome da defesa de ideais que, muitas vezes, nem sequer compreendiam bem:

Como podíamos nós ir defender a nossa terra na terra dos outros [...] os camaradas mais novos queriam saber por que razão tinham de ir para França lutar na terra dos outros. [...] Eles não entendem por que têm de deixar a terra, a família, os campos, o emprego, para irem defender o que não é deles; [...] Na Flandres, quando elas começaram a doer, quem realmente deu provas de coragem, de renúncia e de altruísmo foram os pobres diabos ignorantes roubados às serras, aos lameiros e às campinas deste país. (Machado, 2012: 53-54).

Uma das primeiras missões do jovem alferes Luís Vasques foi a de enfrentar homens indevidamente preparados a todos os níveis: militar, psicológico, climático, material:

[...] tentei transformar a amálgama de camponeses em soldados que, à voz de comando ou ao toque do clarim, obedecessem como se apenas de um único corpo se tratasse. Aprenderam a marchar, a fazer a continência, a manterem-se em sentido, a apresentar arma, a reconhecer os postos dos graduados, a fardarem-se convenientemente, de acordo com a atividade a executar, a receber ordens pessoais, a responder em sentido e a gritar [...]. A instrução com o armamento foi o mais problemático. O quartel dispunha de espingardas do século passado, enormes e pesadas, muitas delas de carregar pela boca e quase nenhuma a funcionar. [...]. A grande maioria dos homens não tinha nem farda, nem o equipamento completos. (*Ibid.*: 37, 56).

À medida que os capítulos vão desfilando, o leitor apercebe-se de que se encontra perante, não um, mas dois romances: a partir de uma narração alternada de vivências de guerra, em terras francesas, e do quotidiano de uma paz podre num Portugal miserável que se afunda nos meandros da corrupção política, o leitor deixa-se envolver e seduzir por duas tramas diversas, mas complementares.

Por outro lado, o narrador mantém um subtil suspense (quase como se de um livro policial se tratasse) e, apesar das quase 500 páginas da obra, nunca enfada o leitor.

Num estilo límpido, fluido, despretensioso e eficaz, desfilam lugares, pessoas, acontecimentos: o regicídio de 1908; a implantação da República em 1910; a República de Afonso Costa (responsável pelo envio de milhares de portugueses, sem qualquer preparação militar nem equipamento adequado – sem botas nem capacetes etc.); a figura do ministro da Guerra, Norton de Matos; o General Gomes da Costa; a monarquia do Norte, de Paiva Couceiro; a chegada ao poder de Sidónio Pais e a esperança que ele acabasse com a mobilização de soldados; a desagregação das políticas pós-Sidonistas; o fenómeno de Fátima (as «aparições» de 1917); a diferença de classes; a miséria do povo, a condição inferior da mulher; a coscuvilhice; o boato; o poder do «vício ancestral da cunha»; a total ausência de liberdade; o analfabetismo dos soldados e do povo em geral, doenças fatais como a tuberculose e a febre pneumónica ou gripe espanhola...

Os momentos de horror, nojo, medo e angústia que ressumam dos capítulos dedicados à guerra, entrelaçam-se com episódios ternurentos, cómicos, e até hilariantes, descritos nos capítulos dedicados à «vida civil».

Onésimo Teotónio Almeida sublinha o «ritmo narrativo» que «aguenta o leitor até ao fim», apesar do elevado número de páginas. E acrescenta:

Eu não sabia nada daquilo além do que se lia no livrito de história na escola primária. Falava-se da batalha (leia-se de La Lys), mas nem se dizia que a perdemos. Eram heróis apenas. Um cenário nacional muito triste e um belo exemplo de insensatez e mau exemplo de orgulho patriótico em querer mandar tropas e apoiar os aliados sem ter calças nem botas. Excelente (mau) retrato do país. Bom entremear das estórias de vida pessoal do protagonista e personagens secundários com a narrativa da guerra. Linguagem quase depurada de metáforas, mas concisa e apropriada. (Almeida, 2009).

Por sua vez, Milton Azevedo, tradutor da obra para inglês, afirma:

Além de seu valor literário como narrativa de ficção propriamente dita, constatável à primeira leitura, o romance tem grande interesse como retrato da sociedade portuguesa, que forma o background da narrativa. O narrador, homem de seu tempo (ou tempos) e classe social, tem uma visão tão nítida da sua sociedade quanto é possível esperar de alguém que nunca pôde sair dela para observá-la de fora. É, portanto, uma visão naïve, informada apenas por elementos colhidos dentro daquela sociedade. Mas é uma visão arguta, porque o narrador é um indivíduo inteligente e lúcido. E complementada, é claro, pela visão, indiretamente transmitida ao leitor, do Rato, que é um verdadeiro co-protagonista (e não apenas

um *sidekick*) – um pouco, *mutatis mudantis*, como Sancho Pança, sem o qual o Quixote ficaria impensável. (Azevedo, 2009).

Luís Vasques não pode, na verdade, como bem nota Milton Azevedo, surgir desgarrado do seu fiel companheiro, Rato, formando com ele uma dupla inseparável, dois compinchas que metonimicamente representam os dois lados, as duas faces, da sociedade portuguesa de então, como explica Milton Azevedo.

Milton Azevedo acertou «na mouche»! Trata-se, efectivamente, de uma história da guerra, de uma história de amor, mas também da história de uma bela amizade entre Luís Vasques, homem culto, de família brasonada e abastada e o Rato (de seu verdadeiro nome, José Domingues), homem pobre, simples mas não simplório – bem pelo contrário, dotado de rara argúcia – que, nas trincheiras será o *Impedido* do jovem Alferes. A ele se ficam a dever boa parte dos episódios em que a ironia e o cómico irrompem na narração, imprimindo ao romance um ritmo que exclui qualquer monotonia.

Nesta desigual condição de ambos, de amo e de servo, adivinhamos uma referência – talvez involuntária, mas certa – a Dom Quixote e Sancho Pança. Parelha de eleição e arquétipo tantas vezes retomado na ficção mundial, Günter Grass vê nela a celebração da amizade verdadeira (*apud* Serra, 2004), e José Saramago – a quem, José Leon Machado dedica, aliás, este seu romance – vê «dois amigos cuja relação assenta no respeito e na compreensão mútuos. Cada um deles pode dizer do outro: Ele é um verdadeiro amigo» (*apud* Sicard, 2013: 9)!

Ao longo da leitura da obra de Cervantes, acompanhamos a construção de uma relação que ultrapassa as fronteiras de amo/servo e se transformará na mais célebre amizade da literatura universal.

Parece inegável a semelhança, no que à amizade diz respeito, entre os protagonistas, de Cervantes e de José Leon Machado. Aliás, se existem aspectos relevantes em *Memória das Estrelas sem Brilho*, o testemunho ímpar da amizade e da camaradagem em tempos de guerra, vividas pelos veteranos do Corpo Expedicionário Português, será, sem sombra de dúvida, um deles.

Apesar da sua alcunha entre os militares que comandava – «o Infeliz» –, Luís Vasques é um homem lúcido, pragmático, bom candidato à felicidade. Depois da guerra, termina o curso de Direito, torna-se advogado, gere a Quinta da família, casa-se com Aninhas e desse casamento nascem três filhos: Afonso, Pedro e Inês.

Pelo contrário, o seu amigo Rato, bem mais inconformista, não consegue adaptar-se à vida de antes da Guerra e regressa a França. Como explica o narrador:

Em 1919, quase quarenta mil portugueses abandonaram o país em busca de melhores condições de vida. Cerca de um terço eram antigos expedicionários que regressavam à Flandres a substituir a força de trabalho masculina que a guerra aniquilara. Os contactos com a população durante a permanência do CEP, com a consequente criação de laços, e o conhecimento do terreno, foram factores importantes para que os homens, apesar dos sofrimentos passados, partissem para esse recanto flagelado pela guerra. (Machado, 2012: 305).

Muitos anos mais tarde, o Rato voltará à sua aldeia natal, sem um tostão. Mas o leitor sabe que ele encontrou, em terras estrangeiras, muito do que nos seus sonhos procurava.

«A Guerra», escreve Luís Vasques, «depois de a vivermos, desfaz os sonhos e as ambições; Não se pode falar de guerra a quem nunca a viveu» (*ibid.*: 227). Contudo, o horror vivido nas trincheiras persegue-o ao longo dos anos, atormentando-lhe as noites povoadas de pesadelos:

Por mais que deseje esquecer, é o cheiro da trincheira que me perpassa pelo nariz quando, depois da chuva, dou um passeio pelo campo. É numa árvore caída pelo vento que vejo aquele soldado atingido por um estilhaço que lhe decepou uma perna. No momento em que ouvi os seus gritos, corri para ele. Os camaradas rodeavam-no, um deles com a perna na mão, como um objeto inútil. Aproximei-me e o soldado agarrou-se à minha farda e gritava dizendo: – Meu alferes, diga-me que eu não vou morrer! [...] Nas trincheiras, com o hábito, tudo se me tornou indiferente. O cheiro a podridão, o gás, a pólvora queimada, a lama, a humidade, o frio, o constante atroar dos canhões. [...] Quando voltei, tudo passou a incomodar-me e qualquer coisa inconsequente me arrastava de súbito para o cenário de terror. O cheiro do estrume para adubar as terras, um tiro de um caçador às rolas, um foguete em dia de festa. (*Ibid.*: 24-25).

Como exorcizar, então, as visões de «homens sem braços, de buracos de bala no peito, no ventre, sem pernas, com a cara esfacelada, de olhos vendados, que gemiam e tossiam» (*ibid.*: 298); de «corpos retesados pelo frio» (*ibid.*: 299); do «cheiro a podre, a gangrena, a sangue seco, a pus, a vómito [...]»? (*Ibid.*: 298). Escrevendo! Escrever as suas memórias desse tempo foi o exorcismo necessário. Ou melhor: o exorcismo possível.

No final, o balanço da guerra é inegavelmente desfavorável. O narrador lança um olhar desassombrado sobre esse momento trágico da História do século XX:

Às vezes, ponho-me a pensar que o nosso esforço na guerra foi em vão. Que os milhões de mortos de um lado e do outro entre 1914 e 1918 não poderão nunca ser justificados; que a perda da inocência e da energia da juventude dos que voltaram não passou de um absoluto desperdício. O mundo, de facto, não ficou melhor. (*Ibid.*: 26-27).

### Considerações finais

A sua paixão pela Língua e pela História, bem como a inspiração que busca nos clássicos da literaturaportuguesa e nos Greco-Latinos, conferem a José Leon Machado grande elegância na escrita. O seu livro, *Memória das Estrelas sem Brilho*, destaca-se pela construção da narrativa e pela linguagem, «de uma qualidade intocável a nível literário, e com a informação histórica precisa, que passa na narrativa, lentamente, suavemente, facilmente absorvida, resultando dessa riqueza que o leitor fique preso à história ficcional, a qual nunca se desprende da nossa própria história, enquanto país e enquanto povo.» (Gomes, 2009).

A leitura deste belo romance, que evoca, de forma apaixonante, a Primeira Guerra Mundial e a cruel vivência das trincheiras, é uma experiência enriquecedora, quer a nível literário, quer a nível histórico e cultural. Não se tratando, contudo, de um livro de História, regista, com indiscutível coerência e rigor, acontecimentos históricos, do povo Português, infelizmente ainda pouco estudados.

### Referências bibliográficas e recursos na *World Wide Web*<sup>1</sup>

ALMEIDA, Onésimo Teotónio (2009), «Recensões Críticas e Opiniões sobre a Obra», *PNET Literatura*. URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/leon/memoria.htm>. [Acesso em Setembro de 2015].

AZEVEDO, Milton M. (2009), «Recensões Críticas e Opiniões sobre a Obra», *PNET Literatura*. URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/leon/memoria.htm>. [Acesso em Setembro de 2015].

DOLLÉ, Jean-Paul (1999), «Un siècle héraclitéen», *Magazine Littéraire*, n.º 378 (juillet-août), p. 21-23.

---

<sup>1</sup> À exceção da obra em apreço na presente recensão, que vem indicada acima.

- FREITAS, Carolina (2010), «Recriar a História», Entrevista a José Leon Machado, *Jornal de Letras Artes e Ideias*. URL: <http://visao.sapo.pt/recriar-a-historia=f578204>. [Acesso em Setembro de 2015].
- GOMES, Florbela L. S. Gomes (2009), «Recensões Críticas e Opiniões sobre a Obra», *PNET Literatura*. URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/leon/memoria.htm>. [Acesso em Setembro de 2015].
- PEREIRA, Susana (2010), «Recensões Críticas e Opiniões sobre a Obra». URL: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/leon/memoria.htm>. [Acesso em Setembro de 2015].
- SERRA, Daniel / SERRA, Jaume (2004), *Cervantes y la Leyenda de Don Quijote*. Longa metragem, documentário ARTE (54’).
- SICARD, Claude (2013), *Albert Camus – Roger Martin du Gard. Correspondance 1944-1958*. Paris: Gallimard – NRF.

Otilia Pires Martins\*

---

\* Universidade de Aveiro (Departamento de Línguas e Culturas). Membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC) da mesma Universidade.